

Espaços Multifacetados em Arte – Novas Formas, Novas Linguagens

Helena Santana¹ e Rosário Santana²

I. Introdução

As origens do espectáculo multimédia encontram-se nos rituais primitivos quando o Homem concebia um objecto artístico, social, religioso e cultural onde interagiam diversos elementos, nomeadamente o fogo, a dança, o canto, a música e diversos efeitos sonoros, dependendo do objectivo a que se destinava e propunha. O seu desenvolvimento e criação encontra-se contudo condicionado pelo desenvolvimento dos diferentes meios que utiliza. Assim, e ao longo dos anos 50 e 60 surgem a luz e o som. Integrados e desenvolvidos por inúmeros criadores, nomeadamente Iannis Xenakis em *Les Polytopes*, as possibilidades que oferecem, bem como os vários filtros, os diversos sistemas sonoros ou o raio laser, permite a criação de imagens sonoras e gráficas várias. Os sistemas de projecção de imagens, inicialmente projectores de filmes, permitem a criação de um outro universo discursivo – um universo de imagens – que contrapõe (ou não) o universo sonoro³.

Actualmente a definição de espectáculo multimédia compreende a utilização sincronizada de diferentes média convergindo no desenvolvimento de um tema, ou objectivo, predefinido.

II. Espaços multimédia

Veículo de comunicação de uma realidade, de uma vontade, de um pensamento, os espectáculos multimédia servem-se de meios próprios e interdisciplinares potenciando a pluralidade e a multiculturalidade. As possibilidades que oferecem, múltiplas, constituem um desafio. Como meio de expressão artística, permitem a convergência de diferentes áreas do saber.

Os média, empregues como material constituinte da obra, interagem com os demais elementos segundo parâmetros e hierarquias próprias, reduzindo a separação entre a arte e a vida, concebendo um objecto artístico – o espectáculo multimédia - onde a multiculturalidade, a interdisciplinariedade e a diversidade de meios e expressões predomina. De difícil realização pela quantidade e qualidade de meios que requerem, revelam-se de uma riqueza ímpar anunciando o seu desenvolvimento, no início dos anos 60, uma arte total. A confluência de várias formas de comunicação num único objecto artístico onde se interpenetram várias noções coreográficas, musicais e teatrais origina um tipo de colagem caracterizado pelo movimento. A coexistência em palco de diferentes formas de expressão alarga os horizontes da criação conduzindo à produção de numerosos espectáculos multimédia e interactivos.

Les Polytopes

Na Europa, Xenakis vai produzir alguns destes espectáculos utilizando o computador para coordenar luz e som. O primeiro destes espectáculos compõe-no

em 1972, e o segundo em 1973, para as termas romanas de Cluny em Paris. O espaço em forma de T oferece ao compositor um novo desafio: como conceber uma estrutura para fixar os pontos de luz e som. A estrutura concebida, dupla, permite uma grande liberdade na disposição das estruturas luminosas e sonoras. No entanto, o compositor dispõe estes pontos de uma forma bastante simples, utilizando uma estrutura ortogonal. Em seguida questionase: O que fazer com todos estes pontos? Como estruturar tudo isto? Que figuras sonoras e luminosas utilizar? Quais as melhores face ao resultado pretendido?... Assim, e inicialmente, concebe um conjunto de figuras, estruturas e elementos que nomeia metaforicamente utilizando termos como nuvens, labirintos, rios, lagos tentáculos... Em seguida formaliza-os⁴.

Para além dos pontos de luz contém ainda 3 raios laser, reflectidos por diferentes espelhos animados segundo dois planos por pequenos motores eléctricos. Os motivos, as figuras geométricas, modificam-se constantemente quer na sua cor, quer na sua direcção, localização ou forma. Realizada à fracção de segundo, a sua variação cria diferentes esculturas cinéticas. A banda sonora, composta no Estúdio Acousti em Paris, contém espaços de timbres modulados continuamente.

Em Persépolis Xenakis cria um espectáculo mais denso utilizando um conjunto diversificado de elementos que confluem para um espectáculo de luz e som, encomenda do V Festival Internacional de Artes de Chiraz – Persépolis, Irão. A obra, *Persépolis*, criada a 26 de Agosto de 1971 nas ruínas do palácio de Darius I - o Apadana, tem uma duração de 56 minutos. O espaço físico do palácio oferece ao público a possibilidade de se movimentar em 6 áreas de escuta sendo a música difundida por um conjunto de colunas dispostas em três círculos⁵. Na montanha em frente, perto dos túmulos reais, encontram-se vários projectores que difundem para o universo uma coreografia luminosa. No cume, encontram-se dispostas várias fogueiras. Ao longo da montanha, descendo lentamente e de forma desordenada, vários grupos de jovens transportam tochas de fogo criando linhas que se dispersam e movimentam pela montanha formando um conjunto diversificado de figuras geométricas e constelações de luz e fogo. No final, juntam-se entre os dois túmulos e escrevem em fogo *Nós trazemos a luz da terra*. Em seguida, passam a ravina, entram pelo público desaparecendo, a pouco e pouco, na floresta de colunas do palácio. Gigantesca, *Persépolis* é uma obra “abstracta, densa e complexa, cuja força abrupta investe, tanto sobre os sentidos, como sobre o intelecto. [Para Xenakis], corresponde ao rochedo sobre o qual estão gravadas diversas mensagens hieroglíficas de uma forma compacta e hermética, sendo impossível conhecer o seu significado”.⁶

La Légende d'Eer (1977), uma das obras mais longas do compositor foi criada num espaço de características únicas – O Diatope⁷. Encomenda da Westdeutscher Rundfunk, comporta sons electrónicos concebidos no CEMAMu, microsoms, sons concretos de diversos instrumentos tradicionais e ruídos de objectos e materiais batidos uns nos outros. Devido à pluralidade e diversidade das fontes sonoras, a audição da obra permite, e origina, um vasto conjunto de imagens mentais. A continuidade é absoluta, predominando a modulação sonora e tímbrica. O som, movimentando-se continuamente, remodela o espaço em espirais e atmosferas de sons com rugosidades várias.

O espectáculo luminoso contém diferentes configurações luminosas móveis, pontos, linhas, etc., encontrando-se a organização dos diferentes movimentos luminosos, contínuos ou descontínuos, regida por funções matemáticas⁸. Sendo um espectáculo onde as superfícies curvas das paredes da tenda condicionam e transformam a percepção dos seus componentes, esta obra evidencia os movimentos dos pontos luminosos e um movimento contínuo das duas componentes do espectáculo – luz e som. Espaços de timbre e cor cobrem e invadem todo o espaço da tenda - O Diatope.

Em *Polytope de Mycènes*, uma obra de 1978, o público encontra-se sobre o flanco de uma montanha face à cidade. Entre eles encontra-se um grande vale de onde se avista o Monte Elias. A obra combina 18 pontos sonoros e dramáticos, récitas de Homero, hinos de Sófocles, versos de Eurípedes, coros de Ésquilo, 12 projectores antiaéreos, uma procissão de crianças, um rebanho de cabras com sinos e tochas de fogo e uma banda sonora. No início do espectáculo são entoados por um coro textos de *Helena* de Eurípedes. Em seguida, por um conjunto de colunas dispostas de forma a que todo o vale seja inundado de som, ouvem-se declamações em dialecto, posteriormente traduzidas em grego moderno, assim como, várias obras do autor, entre elas *Mycènes Alpha*, *Persephassa* e *Psappha*. A partir de um palco que permite a repercussão do som de uma montanha para a outra através do eco, são ainda executadas diversas obras orquestrais e corais do compositor, terminando o espectáculo com *Oresteia* para coros e instrumentos. Paralelamente decorre uma procissão que oferece flores.

A parte luminosa comporta diversos momentos, iniciando com a criação de um tecido luminoso por vários projectores antiaéreos. Situados perto das cidades de Tirynthe e Argos, formam uma pirâmide de luz estática. Em seguida, surge no vale um conjunto de tochas, pontos de fogo, desenhando vários motivos plásticos. Um fogo imenso surge regularmente no cimo do Monte Elias, e um filme, apresentando os tesouros dos túmulos antigos, é projectado sobre os muros da cidade. Xenakis faz subir pela montanha um rebanho de cabras criando outra constelação de luz⁹. Um grupo de soldados descendo a montanha transportando tochas acesas anuncia o fim do espectáculo. *Polytope de Mycènes* foi o maior espectáculo do autor.

Bach2Cage

Bach2Cage é um espectáculo multimédia onde confluem diversos domínios do saber¹⁰. “Mais do que um espectáculo, Bach2Cage é um processo, um laboratório experimental de cruzamentos de música/artes performativas com multimédia/arte digital”. Desenvolvendo uma constante actualização – as suas diferentes versões – procura uma interacção com o público e com os seus autores e actores, sendo cada uma das versões, consequência de um processo de procura, de indagação, de conhecimento, de aprendizagem e transformação de todos os que o integram. Assim, a obra de dois autores maiores da História da Música – Bach e Cage – revela-se o pretexto para um processo de criação que se encontra em contínua transformação – “work in progress”. No entanto, não será entendimento dos seus autores a sua re-produção, re-criação, re-interpretação ou re-leitura condicionada por um conjunto de condicionantes criativas. A obra e o

universo criativo dos dois compositores são relidos, reavaliados e inseridos de uma forma nova no processo de criação. Como exemplo referimos *Tango Perpétuo*, uma alusão ao poema de Cage *Perpetual Tango*, obra que se insere num universo musical Piazzoliano, interagindo igualmente com um conjunto de imagens e acções teatrais que aludem à oposição de elementos e realidades. A máquina de escrever, recorrente numa das versões do espectáculo, é igualmente uma alusão a John Cage representando uma versão de 0' 0", uma obra que consiste na realização de uma qualquer acção desde que esta seja disciplinada. O momento inicial do espectáculo alude a 4' 33". Enquanto o público entra na sala e se disponibiliza frui-se a obra que se desenvolve autónoma na sala¹¹.

A referência a Bach encontra-se em *Bossa bem temperada* onde no Prelúdio em Dó Maior do Cravo Bem Temperado são colados e interpolados fragmentos de obras de Gilberto, Jobim, Veloso ou Regina. Esta acção, não destrói, no entanto, a fluência e mestria técnica, formal e discursiva do seu autor. O espectáculo finaliza com *Música* onde somos convidados a fruir um rap, uma versão contemporânea e urbana de *An die Musik*: "bate no corpo e o corpo sente... é som ardente... voz e pensamento, razão e sentimento... laço eterno, céu, inferno, infinito, vazio, rodopio... big-bang inicial, apocalipse final, eclipse total, pecado original, pôr do sol, nascer da lua, água, fogo, terra crua, chuva, búzio, som de rua". "É tão estranho o tempo perde o tamanho"....

Denunciando uma pluralidade e multiculturalidade marcadas, esta obra contribui para que o objecto artístico adquira diferentes rostos e evolua numa multiplicidade de formas e conceitos. A diversidade de caminhos propostos reflecte a diversidade cultural e racial de uma sociedade que, em contínua transformação, tenta responder a exigências, transformações e questões fundamentais que se colocam ao ser humano enquanto criador.

III. Espaços multimédia e educação

A escola, local de convergência e vivência de uma comunidade, que pela sua natureza e diversidade se manifesta, de uma forma geral, sempre aberta a novas experiências, revela-se um local propício para a realização e concepção de espaços de criação multifacetados. Estes, motivo do interesse e curiosidade por parte dos discentes tornam-se apelativos, integrando o aluno na escola, fundamentando a sua educação artística. A multiplicidade de saberes exigida na concepção de tais eventos, o esforço e o trabalho de equipa exigidos na sua criação, fomentam ainda uma responsabilidade face aos outros e à obra a realizar, e o desenvolvimento do espírito de interajuda indispensáveis ao desenvolvimento e formação do indivíduo.

A aquisição de conhecimentos e o estudo direccionado e vocacionado para um objectivo, a concepção do espectáculo, levam o aluno a pesquisar e a adquirir uma série de conhecimentos que não se encontram desligados de um objectivo, de uma realidade, e que de outra forma não seria possível integrar na sua formação, no seu currículo. A concepção e estruturação do objecto artístico implica ainda a hierarquização e o domínio claro e objectivo de todas as componentes do mesmo. O uso de uma linguagem artística, nova e complexa, e a utilização de uma multiplicidade de saberes única, implica igualmente a apreensão

de diferentes noções e acções implícitas ao acto criador, que deverão ser geridas e assimiladas por todos os intervenientes do espectáculo a que se procura dar forma. O discente torna-se um artista, criando, interpretando, investigando e concebendo um produto no qual intervém desde o primeiro instante.

O homem, criador e investigador por natureza, tenta através da procura incessante de novos caminhos, conduzir-se para novos níveis de entendimento, conhecimento e existência. Enquanto criativo, representa um mundo interior produto de uma educação e interacção com o meio. Sendo assim, não fica indiferente às evoluções científicas e tecnológicas que se processam tendendo a integrá-las no processo de criação. Fruto de uma sociedade em contínua transformação representa-a através da obra, o seu reflexo.

De difícil realização e concepção tanto pela enorme quantidade como pela qualidade de meios exigida, estes espectáculos revelam-se no entanto de uma riqueza impar, e um contributo educativo de inegável valor. A realização de espectáculos desta natureza, onde interagem vários domínios do saber e diferentes formas de expressão artística, revela-se bastante complexa. A sua concepção, estruturação, produção e realização, implicando o conhecimento e a aquisição de uma multiplicidade de saberes que se torna bastante útil na estruturação e definição do processo de ensino aprendizagem, faz destes eventos formas novas, originais, inovadoras, senão fundamentais no processo educativo inserindo-se dentro de uma pedagogia de projecto.

Inserindo-se dentro de projectos educativos, que se encontram encerrados nas suas próprias possibilidades de execução, não deverão nunca perder de vista a concretização de um conjunto de objectivos. Nestes, confluem, tanto a pedagogia de projecto, como a pedagogia por objectivos. Através do projecto o homem cria, implicando a realização de um projecto, a existência de uma estratégia que defina as diferentes etapas do mesmo, e uma calendarização precisa das tarefas, e objectivos, a cumprir. A estratégia do projecto, permitindo a sua realização, contribui para a sua definição e sequenciação¹².

O tipo de trabalho que apresentamos insere-se dentro de um projecto com as características do projecto de acção educativa ou projecto educativo, um projecto concebido por diferentes membros da comunidade escolar, e que visa o aluno enquanto criador, e enquanto membro de uma sociedade, e o projecto de formação. Concebido, tanto por docentes, como pelos discentes, a sua acção desenvolve-se exteriormente ao espaço da escola consequência da qualidade do projecto idealizado e concretizado. Visando o aluno enquanto indivíduo em formação e enquanto ser criador, membro de uma sociedade, inserem-se dentro de um projecto de formação: pela qualidade, originalidade e dimensão que possam possuir, podem, e sem qualquer restrição, sair do espaço da sala de aula, ou mesmo da escola. Assim, e em consequência, agem e interagem com a sociedade em que se inserem. Para além de um espaço de formação e criação serão ainda espaços de acção e transformação, permitindo a aquisição, o desenvolvimento e a investigação de conteúdos vários, aplicados em seguida num projecto mais vasto onde interagem diferentes domínios do saber.

Através do projecto educativo o aluno confronta-se com o real, interage com o meio, desenvolve as suas capacidades intelectuais, criativas e sociais, fomentando a investigação direccionada e sistematizada com um fim único.

Realizando esta acção, o aluno age segundo uma metodologia que se situa numa linha próxima da sócio-antropologia. Os agentes da acção ficam ainda implicados ideológica e socialmente, pressupondo uma interacção entre a teoria e a prática. Estes espectáculos potenciam igualmente um processo de ensino aprendizagem muitas vezes transdisciplinar e multidisciplinar. Assumindo a implicação dos que o concebem e realizam, fomentam e apostam no trabalho de equipa revelando e relevando os seus constituintes.

IV. Conclusão

Expressão de uma vivência, o espectáculo multimédia constitui uma forma plural de expressão e comunicação. A procura incessante do belo, e de novas formas de expressão, conduz o criador ao longo de uma viagem que muitas vezes adquire contornos ímpares. A nós, cabe-nos a missão, se assim o entendermos, de entrar nesses mundos, seguir, explorar e investigar esses universos, deixando-nos invadir por realidades sonoras e artísticas que nos transformam, de forma mais ou menos marcada, depois de imergirmos e emergirmos da obra.

Sabendo que os intervenientes neste processo mantêm relações de interacção que levam à sua influência recíproca, esta determinará a personalidade e a postura do indivíduo face à composição musical, à música em geral e a todas as outras formas de arte. É ainda de considerar que a música, a criação artística contemporânea e as novas tecnologias da informação e da comunicação, induzirão o confronto consigo próprio, e com o mundo exterior a si, levando o estudante a autodefinir-se através de uma constante pesquisa das estruturas discursivas e estéticas da obra. Essa aprendizagem pode tomar como referência vários autores, correntes técnicas e estéticas, com uma aplicação no quadro específico de cada disciplina. A orientação deve ser conduzida de forma a que o estudante alcance os objectivos propostos, através da descoberta do som e da sua estrutura, dos instrumentos e tecnologias operantes, sem modelos preexistentes, a não ser, eventualmente os mecanismos e as formas pessoais de expressão. Funde-se assim a descoberta do interior de si, utilizando um objecto exterior, o som e as novas tecnologias da informação e comunicação. Imergindo no mundo contemporâneo o indivíduo surge metamorfoseado e transformado por estes, agentes de educação e inovação.

Bibliografia

- Aymerich**, C., *Expresión y arte en la escuela, la expresión musical/ la expresión como auxiliar didáctico*, Barcelona, Editorial Teide, nº 3, 1981.
- Gloton**, R., *L'Art à l'école*, Paris, PUF, 1971.
- Gordon**, E., *The Psychology of Music Teaching*, New Jersey, Prentice Hall, 1970.
- Hargreaves**, D. J., *Infancia y educación artística*, Madrid, Ediciones Morata, 1991.
- Ley**, M., *La mise en scène du conte musical, éveil esthétique et thèmes d'ateliers*, Courlay-France, Editions J. M. Fuzeau, 1985.
- Sproccati**, S., *Guia de História da Arte*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- Swanwick**, K., *A Basis for Music Education*, Windsor, Nfer/Nelson, 1991.
-

¹ Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.

² Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico da Guarda.

³ Em exemplo o discurso gráfico desenvolvido por Le Corbusier para o espectáculo fruído no Pavilhão Francês da Exposição Universal de Monte Real em 1967 – o Pavilhão Philips.

⁴ Tomando como exemplo o rio, podemos afirmar que é constituído por moléculas, um conjunto de partículas muito pequenas, que terá necessariamente uma corrente, uma direcção e um débito específico. As diferentes moléculas, representadas por um conjunto de dados que podem ser tratados matematicamente, através das leis da estocástica, são representadas por pontos de luz, e transportadas a diferentes pontos do espaço favorecendo sempre uma direcção determinada. Contudo, nunca é imposto um itinerário único.

⁵ O compositor compensa através deste processo, a falta de densidade e intensidade do som ao ar livre.

⁶ XENAKIS, Iannis, *Persépolis*, Philips 6521045.

⁷ A sua concepção foi inspirada pela leitura de vários textos, nomeadamente *A Lenda de Eer* da República de Platão, *Poimandre* de Hérmes Trismégiste, um texto sobre o infinito incluído em *Pensamentos* de Pascal e um texto sobre a Supernova de Kirschner.

⁸ A afinidade entre a música e os outros domínios do conhecimento, nomeadamente a matemática, foi evidenciada pela primeira vez pelos grandes filósofos gregos. Neste contexto, verificamos que alguns compositores organizam o discurso e concebem os seus universos sonoros através de modelos matemáticos como a teoria e o cálculo das probabilidades, a estatística, a teoria dos jogos, a teoria dos conjuntos, a teoria dos crivos, a lógica matemática, a secção de ouro, a série de Fibonacci ou o fractal. A formalização do acto de compor prende-se com a necessidade de organizar, e estruturar o discurso, de uma forma lógica e coerente.

⁹ No céu encontram-se diversas constelações fixas, no solo encontram-se diversas constelações móveis. A astronomia, chama de constelação, a um grupo de estrelas, que devido a estarem fixas conserva a sua estrutura. Alguns destes agrupamentos estelares lembram formas específicas como a Lira, a Grande Ursa ou o Touro. Utilizamos a metáfora para designar por constelação de sons, a estrutura, configuração sonora, obtida pela emissão de um mesmo objecto sonoro por vários instrumentos dispostos em diferentes locais do espaço físico do círculo instrumental. Estas constelações de som adquirem as formas mais variadas, sofrendo diferentes processos de variação como a translação, a rotação, a inversão, ou mesmo a transformação da sua forma original.

¹⁰ Bach2Cage é um projecto desenvolvido no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro tendo como investigadores responsáveis os docentes Paulo Rodrigues, Nuno Dias e Mário Vairinhos.

¹¹ Não podemos deixar de referir as condicionantes estéticas e filosóficas que envolvem estas duas obras, nomeadamente a problemática do tempo e do espaço musical, do material e constituintes da obra, da acção e integração no objecto artístico por parte de realidades “exteriores” a ela.

¹² No entanto, não podemos esquecer que o termo projecto encerra várias nuances. Segundo Francine Best existem vários tipos de projecto. Projecto de

acção educativa ou projecto educativo. Concebido por diferentes membros da comunidade escolar visa o aluno enquanto criador e enquanto membro de uma sociedade. Projecto pedagógico. Desenvolvido por professores permanece dentro do espaço da instituição, mas não obrigatoriamente no espaço da sala de aula. Projecto de instituição. Este género de projecto foca as estruturas de funcionamento da própria escola. Projecto de formação. Concebido tanto por docentes como pelos discentes, a sua acção pode desenvolver-se exteriormente ao espaço da escola como consequência da qualidade do projecto idealizado e concretizado. Projecto de zona. Incidindo numa determinada zona de acção escolar, este projecto é concebido por entidades de diferentes ministérios.